O Uso de Hipóteses no Trabalho Jornalístico: a Apuração se valendo de uma Ferramenta Metodológica[1]

Ben-Hur DEMENECK[2]
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Durante uma investigação qualquer, hipóteses são formuladas para o enfrentamento de um problema. No jornalismo não é diferente. O que não significa que qualquer procedimento jornalístico implique no reconhecimento desse expediente. Jornalistas experientes demonstram que em reportagens de profundidade se defrontam com a confirmação ou negação de suas hipóteses. O jornalismo investigativo tende a fazer uma aplicação mais recorrente dessa ferramenta metodológica. Para a solução de problemas em uma investigação se torna fundamental a formulação de uma base de dados consistente. Em linguagem jornalística, significaria ter um amplo trabalho de apuração, suficiente para circunscrever a problemática e validar as informações obtidas. Essa discussão envolve um debate sobre o conhecimento do jornalismo e a objetividade. O artigo levanta questões preliminares para o debate.

PALAVRAS-CHAVES

Epistemologia do Jornalismo; Metodologia de Pesquisa; Objetividade; Hipóteses; Técnicas de Reportagem.

01. Introdução

Há um clichê em livros e palestras de jornalismo investigativo que diz que todo jornalismo é essencialmente investigativo. O comentário ainda que superficial tem sua razão de ser, apresentada logo em seguida pelo autor ou palestrante – para fazer jornalismo é preciso investigar. Mais tarde a exposição irá se direcionar para o contraste da prática cotidiana e daquela considerada um gênero à parte, em que a profundidade de pesquisa é uma das características predominantes. Não estamos aqui

[1]Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e Editoração, do Inovcom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

[2]Mestrando em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Linha de Pesquisa Fundamentos Teóricos do Jornalismo - e-mail para contato: b.demeneck@uol.com.br

para falar sobre lugares-comuns de ambientes acadêmicos, mas para levantar uma discussão acerca do jornalismo como uma forma de conhecimento.

A pergunta que orienta esta artigo é: há o uso de hipóteses no trabalho jornalístico? E faremos uso de estudos tradicionais dentro da relação jornalismo e conhecimento, feita por pesquisadores-jornalistas, e por autores que estudam filosofia da mente e lógica. Reportagens e depoimentos de profissionais são utilizados para acompanhar um provável uso de hipóteses durante investigações jornalísticas. Temos apenas um início de problematização do tema, cuja extensão em futuras pesquisas pode acrescentar no debate epistemológico do jornalismo. O artigo critica a concepção de que inexista a aplicação desse expediente de pesquisa em qualquer uma das modalidades de jornalismo. Argumenta-se que essa relação se estabelece com freqüência, mesmo sem o seu domínio conceitual. Nosso objetivo principal é reunir elementos preliminares para a compreensão jornalística dessa etapa de pesquisa, na qual a apuração assume papel destacado.

Ao falar em conhecimento do jornalismo passamos pela discussão da objetividade. Parte devida ao manejo entre linguagem e a chamada realidade, exigência para estabelecimento do ciclo completo do jornalismo. Afinal, há muita dificuldade em dizer o que afinal seria esse "mundo factual", o que seria um "fato". Uma das críticas é que toda possibilidade de enquadramento de uma realidade especialmente de domínio humano (ex. Elementos de categoria social, psicológica, política, cultural etc) não passa de um recorte parcial feito pelo observador. E que a não há meios de isolar a realidade, que sua intervenção de pesquisa já modifica o estado daquilo que se pesquisa. E mesmo as áreas naturais emprestam conceitos e metáforas para essa argumentação. A Física Quântica comumente ilustra a tese da interferência do observador sobre o objeto. Por outro lado, a impossibilidade de qualquer objetivação impossibilitaria, em última instância, a própria comunicação humana.

Diversos autores consideram a atividade jornalística sob diversos condicionantes, os quais não agiriam de modo isolado. Numa visão construcionista, Jorge Pedro SOUSA[3] atribui seis ações de influência sobre as notícias, sendo elas de caráter: pessoal, social, ideológico, cultural, histórico e relativo ao meio físico e tecnológico (2002 : p. 16). Esse entendimento permite um reconhecimento e estudo da atividade jornalística em várias instâncias, no entanto, parece pouco a feito sobre a comentar o que seria a epistemologia dessa atividade de produção de sentidos. Ou se seria o caso de desprezá-la como elemento desimportante para as teorias do Jornalismo.

Um dos princípios do jornalismo é o da identificação da verdade sobre aquilo que se considera notícia (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). Consideração a ser feita até mesmo anteriormente à observação das ações acima citadas, identificando-se como um princípio da atividade. E, quanto à sua relação com a informação, o diferencia de outras práticas de natureza comunicacional, como a publicidade e a propaganda. Detalhe: da informação para o conhecimento, há uma grande distância conceitual. E um maior entendimento da aplicação ou não de hipóteses na atividade jornalística é apropriado, permite até tornar mais evidentes as distinções entre o que seria uma informação jornalística do que seria um conhecimento revelado pelo jornalismo.

Há autores que consideram a verdade no jornalismo predominantemente como um imperativo deontológico (CORNU, 1994; BARROS FILHO, 2003). Debate proveitoso do ponto de vista social e institucional, porém insuficiente para esgotar o conceito de verdade. Exige também a consideração em seu âmbito epistemológico. Ou seja, no que se refere ao conhecimento. Disciplinarmente, à filosofia da ciência. Uma dependência marcada pela orientação a uma correspondência a fatos observáveis, a um coletivo de indivíduos, na atividade jornalística. Estes procurariam nesse relato pontos que demonstrassem uma certa independência na observação, algo que fosse mais

[3]Baseado em trabalhos de Schudson (1988, 1996) e Schoemaker e Reese (1996). Respectivamente, o artigo "Por que as notícias são como são" e os livros "Discovering the news" e "Mediating the message".

factual. Pelo menos na produção de caráter informativo. O que não significaria que todo fato seja simplificável absolutamente pela linguagem, que ele seja nítido, transparente e indiscutível ao ser defrontado por um jornalista. O que há é uma procura-se de a exposição e descrição de uma determinada ocorrência. Esta que, uma vez confirmada, foi tida como notícia, ou melhor, como pauta. Há esse trajeto de remodelagem lingüística que procura remontar a realidade exterior. Mas se há conhecimento produzido em muitas áreas sociais e humanas, como a Sociologia e a Antropologia, o que desabonaria todo o conhecimento produzido por investigações jornalísticas? E não digo apenas a metodologia de área científica Jornalismo, mas também da própria produção advinda da atividade jornalística? Por que apenas seus relatos permaneceriam na plataforma da informação? Questões para pensarmos.

Ao que parece, esse processo de mediação estaria com muito mais deficiências metodológicas que o aceitável para a produção de conhecimento. A ciência recebe essa distinção de portadora de um senso crítico, por suas características de sistematização e permanente autocrítica. Um oposição constante é feita com o senso comum, instância representada, entre outros, pelas crendices e tradições. Embora pouco se escreva sobre o senso comum. Como um humor da própria história acadêmica, o senso comum é tratado com uma visão bastante senso comum, mesmo entre os cientistas. Figuraria como uma personagem muito ilustre, porém ignorada. Debates sobre o conhecimento do jornalismo, envolveram o embate entre esses os dois sensos, colocando-o num espaço intermediário (MEDITSCH, 1992, 1997). Em "Pensando contra os fatos", MORETZSOHN (2007) teoriza sobre como o jornalismo seria capaz de promover um direcionamento do senso comum para o senso crítico.

A atividade jornalística encara uma forte preconceito em se tratando de objetivações. Talvez tenha um pouco a ver com esse constante contraste dela com outras linhas de investigação, como a das ciências naturais. Ficando negligenciadas as semelhanças de qualquer procedimento de pesquisa. Dessa forma recorremos ao

filósofo Luiz Henrique DUTRA, o qual desenvolve uma pesquisa cujo interesse é considerar todo tipo de investigação – científica, policial, jornalística, jurídica etc. Procurando se orientar pelo foco da "descoberta". É sob esse referencial que começamos a debater sobre a presença de hipóteses no trabalho jornalístico.

Autor clássico no estudo do conhecimento do jornalismo, Eduardo MEDITSCH apresentou uma conferência em setembro de 1997 (vide referência completa na bibliografia) provocando o debate com a pergunta-título: "o jornalismo é uma forma de conhecimento?". A argumentação sustenta que o jornalismo produz uma forma de conhecimento próprio. No entanto, no que concerne à discussão do uso de hipóteses pelo jornalismo, há um item que nos parece indevido. Esse próprio autor, em debates promovidos pela linha de pesquisa de Fundamentos Teóricos do Jornalismo[4] (Mestrado em Jornalismo da UFSC), observou que tinha recebido questionamentos por tomar a abordagem que tomou. Explicou, porém, o que o motivara a defender que, diferente da ciência, o jornalismo não aplicava hipóteses em suas investigações. Conteúdos que remeteram a essa parte do artigo:

> "no método científico a hipótese pressupõe uma experimentação controlada, isto é, um corte abstrato na realidade através do isolamento de variáveis que permita a obtenção de respostas a um questionamento baseado em sistema teórico anterior. O Jornalismo, por sua vez, não parte de uma hipótese nem de sistema teórico anterior, mas da observação não controlada (do ponto de vista da metodologia científica) da realidade por parte de quem o produz. Também se diferencia das ciências pelo tipo de corte abstrato que propõe. O isolamento de variáveis é substituído pelo ideal de apreender o fato de todos os pontos de vista relevantes, ou seja, em sua especificidade" (MEDITSCH, 1997, p. 08).

Essa exposição remonta um trabalho anterior, o livro "O conhecimento do Jornalismo". E sobre essa questão das hipóteses é questionamos o teor da citação anterior – a prática jornalística faz uso de hipóteses? A partir de DUTRA conseguimos

[4] Aula da professora Dra. Gislene SILVA, segunda parte da disciplina Teorias do Jornalismo. A primeira metade havia sido ministrada pelo convidado professor Dr. Eduardo MEDITSCH.

umas pistas para orientar o enfrentamento desse problema. Na sua abordagem sobre todos os tipos de investigação, apresenta quatro etapas consideradas constituintes:

> 1) a elaboração de um problema;
> 2) a elaboração de uma hipótese, visando solucionar o problema;
> 3) a constituição de uma base de dados, com a qual a hipótese será comparada;
> 4) a constatação de um acordo entre a hipótese e a base de dados, a averiguação propriamente dita [grifos do autor] (DUTRA, 2001, p. 141)

Analisamos agora como seria possível o jornalismo estabelecer um nível de relato em que o aproximasse à validação epistemológica. E então esses relatos puderiam ser considerados "conhecimento". Há certas disposições para algo ser considerado conhecimento, não bastante ser uma síntese intelectual elaborada. Convém ressaltar que há questões que envolvem muita discussão, que atravessam os séculos. Por exemplo, a definição de realidade. E, questões complementares, como a de diferenciar a realidade da ficção.

02. A Hipótese

Em vários manuais de metodologia científica, a hipótese é tratada como uma resposta preliminar que se confronta com um problema dentro de uma investigação cujo entendimento do conflito dá andamento à investigação. A seguir, importantes observações sobre essa ferramenta de pesquisa, dando conta de propriedades a ela atribuídas:

> "em geral, [a hipótese é] um enunciado (ou um conjunto de enunciados) que só pode ser comprovado, examinado e verificado indiretamente, através das suas conseqüências. Portanto, a característica da hipótese é que ela não inclui nem garantia da verdade nem a possibilidade de verificação direta. Uma premissa evidente não é uma hipótese , mas , no sentido clássico do termo,

> um axioma. Um enunciado verificável é uma lei ou uma proposição empírica, não uma hipótese. Uma hipótese *pode* ser verdadeira, mas sua verdade só pode resultar da verificação de suas conseqüências" (ABBAGNANO, 2000, p. 501)

DUTRA dá a essa ferramenta metodológica uma importância fundamental, pois, para ele, "o objetivo final de uma investigação é a verificação de uma hipótese". E, para tanto, um objetivo médio seria "o estabelecimento de uma base de dados" (2001, p. 148). O jornalismo ainda que mantenha como característica genérica a atribuição de ser um trabalho investigativo, nem sempre há por parte do jornalista um desenvolvimento consciente e segura de todas as etapas formais de uma investigação. Entre questões para a responderemos teríamos: a) Como e por que transformar a informação em conhecimento?; b) Como montar essa base de dados para o comparativo das hipóteses?

Para TAMBOSI (2005), "um requisito fundamental para que a informação se transforme em conhecimento é a verdade". Sendo necessária a articulação desse conceito no sentido epistemológico e não deontológico tão-somente, ou seja, referente domínio do conhecimento. Debate que não retira a inegável contribuição do debate ético para a instituição jornalismo e para a atividade jornalística. Mas a nossa questão é "como produzir conhecimento?", como validá-lo, como definir uma crença verdadeira e justificada (HAACK, 1978; SEARLE, 2000). Provocação feita, porém, não concluída neste artigo, cuja preocupação se concentra em comentar sobre o uso de hipóteses na prática periodística.

A formação da base de dados está ligada à fase de *apuração*. Quanto à questão da *base de dados,* há na citação seguinte um comentário adicional que esclarece quanto ao levantamento e projeção de hipóteses. Detalhe a recordar dentro do referencial teórico deste artigo: não se trata de uma observação pertinentes apenas a bases de dados e hipóteses em investigações científicas, mas também nas jornalísticas:

> "muito da investigação consiste em tentar aumentar os dados disponíveis. Consiste exatamente no estabelecimento e ampliação de uma certa **base de dados** (que pode ser interpretada como base empírica, mas, que a rigor, a isso não se limita). Quanto de informação essa base de dados deve conter, eis uma questão a ser resolvida e revista a todo o momento durante a própria investigação. Ela deve permitir levantar hipóteses, e levantar hipóteses cada vez mais precisas, e fazer projeções ou predições exatas o suficiente. Mas isso também é algo que o investigador deve determinar o tempo todo, dado o conhecimento de fundo, que é pressuposto" (DUTRA, 2001, p. 108-109).

03. A Hipótese no Trabalho Jornalístico

Em um jornal impresso diário, o repórter recebe a incumbência de fazer matérias, materializadas nas pautas que recebe para cobrir. Coloca diante de si um problema para o qual procurará contextualizar personagens, cenários e circunstâncias, que, por uma combinação de fatores, atenderam a um critério de noticiabilidade. E então o repórter irá apurar informações que confirmem determinadas informações. De um ponto de vista metodológico, aquilo que o jornalista vai *apurar* são hipóteses. Embora determinadas coberturas, especialmente de setoristas de instituições, como o Parlamento, tenham a obliterar essa identificação por motivos que não vamos aqui tratar. Portanto, umas observações se tornam pertinentes:

> (1) o trabalho jornalístico pode ser realizado sem o reconhecimento de hipóteses
> (2) o jornalismo investigativo regularmente aplica hipóteses
> (3) um estudo da aplicação de hipóteses na atividade jornalística pode contribuir ao campo epistemológico do Jornalismo

Em termos metodológicos, toda essa nossa discussão sobre reconhecimento ou não de hipóteses poderia ser explorada pela tradição de estudos de produção da notícia (o newsmaking), consultando tanto a bibliografia acumulada ou mesmo encaminhando pesquisas empíricas originais. Assim seriam analisadas etapas de pauta, apuração e checagem, considerando se seriam aplicadas hipóteses ou não, caso a

cano. Afora essa linha de abordagem, há uma com extremo potencial de desenvolvimento, que se utiliza do referencial em teorias da verdade, procurando as especificidades das informações e nos conhecimentos produzidos pela atividade jornalística.

04. Jornalismo Investigativo e a Aplicação de Hipóteses

Um jornalista investigativo, que passa semanas apurando um caso de corrupção, por exemplo, precisa ter de modo evidente o problema e as hipóteses de sua investigação. Ele então vai coligir uma extensa base de dados, a partir da qual irá procurar um acordo entre ela e as hipóteses formuladas. Como assinala o experiente jornalista Ricardo NOBLAT, "denúncia não é notícia. Notícia é a denúncia com fundamento" (2002, p. 53). A forma para chegar ao estado de notícia a saída apontada é a apuração contínua.O jornalista investigativo Raimundo PEREIRA fala em "hipótese" ao comentar uma reportagem feita para a revista Realidade (trecho entre aspas simples):

> "'Retrato da Amazônia' (...) fala sobre a história de que estrangeiros estavam roubando a Amazônia, sobre roubos de minérios, sobre padres carregando coisas debaixo da batina. *'Eu tinha uma hipótese: isso não era verdade. Era coisa pior*. Os militares estavam entregando a Amazônia' [grifo nosso] (SIQUEIRA e SANTOS, 2003, p. 38-9)

Ainda no mesmo artigo, informações de contexto:

> "[Raimundo Pereira] foi a todos os projetos amazônicos. Passou uns três meses percorrendo a Amazônia. Foi a Carajás, Serra Pelada, esteve em fazendas, além de outros lugares, para poder construir o texto com os argumentos para a sua hipótese. Obviamente não disse diretamente. 'Em nenhum lugar você vê isso, porque não é normal, na Realidade não sairia isso. No fim da matéria eu dizia que era um mito essa história de que eles estão roubando, porque é tudo legal e ainda tinha uma frase assim: 'e o pior é isso'. Essa frase jamais saiu na revista, mas estava lá'" (idem)

Nesse contexto é descrito a constituição da base de dados do repórter. Em seguida ele procura "estabelecer a verdade", confirmar sua hipótese, validá-la não sob o ponto de vista do conhecimento (procedimento mais complexo), mas sob critérios da informação. Na etapa de redação, novamente as hipóteses são recuperadas:

> "você vai juntando uma ponta aqui, outra acolá, e entre elas você faz ganchos" Assim se constrói um texto. "Texto são fatos que você junta aos outros, por meio de ações, hipóteses e com bom-senso de dizer as causas, as conseqüências (...) Jornalismo é sempre uma construção a partir de fatos, dos quais você revela alguns" (ibidem, p. 30)

Sobre jornalismo e conhecimento, há uma discussão de que falta ao jornalismo uma linguagem conceitual, pois as palavras são usadas não como o são na linguagem acadêmica, em que determinada palavra refere-se a um conjunto de idéias afiliadas a um pensamento, a uma linha de conhecimento e a uma comunidade científica. "Modernidade" é um conceito dentro do pensamento de um autor como Kant ou Hegel, que não possui os mesmos sentidos estritos de "progresso", "atualidade". Sendo que em um texto jornalístico, pode ser que ele seja utilizado de modo equivalente tão-somente para não repetir palavras e tornar o texto mais atraente ao leitor. Como é freqüente.

Referente à questão conceitual, um artigo é ilustrativo ao embate jornalístico versus científico – "A interação entre jornalistas e peritos científicos: cooperação e conflito entre duas culturas profissionais" (1995). O autor, PETERS, evidencia o choque dessas duas culturas profissionais, pois os cientistas não gostariam que os jornalistas politizassem tanto as suas pesquisas, como também reclamam da distorção de seus conteúdos, haja vista que trabalham em códigos lingüísticos diferentes. No entanto, os cientistas por si só não conseguem divulgar massivamente o seu conhecimento, como analisa o autor:

> "as diferenças entre a cultura científica e a cultura do dia-a-dia conduzem a dificuldades na explicação dos problemas, dos métodos e dos resultados científicos a um público leigo, a um defasamento entre o que os próprios cientistas consideram importantes questões de comunicação no seio da sua comunidade e aquilo em que o público leigo está interessado, e a um uso de diferentes critérios na consideração da relação custo-benefício da investigação científica" (PETERS, 1995, p. 219)

No jornalismo, a depender do modo e do contexto do trabalho, mesmo hipóteses aparentemente sustentáveis não conseguem serem testadas porque não houve condições de fazer a sua averiguação. Certos constrangimentos aparecerem freqüentemente atribuídos como empecilhos de um integrado circuito epistemológico para o jornalismo – a dependência de fontes e a pressão do tempo. Exemplo dado no livro de memórias de Ricardo KOTSCHO:

> "passei uma semana perambulando pela Companhia Docas. Entrevistei conferentes, fiscais, viajantes, dirigentes do porto, mas *ninguém quis falar nada sobre o que eu estava procurando*: casos concretos de corrupção, cobrança de propinas, irregularidades na alfândega. O jeito foi preencher uma página de jornal com histórias sobre o funcionamento do porto, seus personagens, o drama dos passageiros, que esperam longas horas na fila pela liberação das bagagens. Ou seja, "enchi lingüiça", como se diz no nosso jargão" [Grifo nosso] (KOTSCHO, 2006, p. 44)

A única forma que o repórter tinha para montar sua argumentação era o depoimento (fontes primárias). Como ninguém quis colaborar com ele naquilo que inicialmente se propunha, não teve como dar andamento à investigação até o prazo de fechamento da reportagem. Optando por outro enfoque, que não as exigências informativas do problema anterior. No novo tema, ele contou "histórias". Textos que traziam informações e que tinham seu valor-notícia (espera de liberação de passagens por longas horas de fila ≠ serviço regular), cujas hipóteses não era tão complexa quanto a pauta anterior. Numa abordagem mais superficial, poderíamos dizer que bastou

enfocar o problema para cumprir os objetivos do relato. Eis outro ponto a analisar: como se daria a utilização de hipóteses no contexto de matérias de interesse humano.

KOTSCHO, em outro episódio, escreveu uma das reportagens mais importantes da história brasileira. Chegando a contribuir ao léxico com a palavra "mordomia". Termo técnico da burocracia que terminou sinônimo de "mamata", graças ao trabalho investigativo que desenvolveu. Na época, ele trabalhava para o jornal Estado de S. Paulo. Ruy Mesquita, diretor do veículo, colocou à época a seguinte nota "toda essa matéria tem denúncias que, se não forem comprovadas documentalmente, podem ser simplesmente desmentidas e causar até procedimentos legais. Ruy" (id., p. 58).

Como as "denúncias" eram mesmos consistentes, havia embasamento, houve a publicação. As hipóteses estavam confirmadas por uma base de dados segura, que permitia a devida averiguação. A preocupação do diretor do jornal era que, palavra por palavra, a tese do repórter não se mantivesse diante dos contra-ataques do governo (a matéria tratava de super-funcionários públicos). No entanto, dessa vez o relato do jornalista não se bastava no simples enfoque do problema, mas se baseava em todo um percurso investigativo, incluindo uma clara percepção do problema, das hipóteses e de grande apuração. KOTSCHO acreditara na existência de um esquema de corrupção. E precisara levantar um cabedal informativo que respondesse apropriadamente o seguinte ponto-chave: há corrupção? Ele conseguiu provar que sim. Sobre a apuração, NOBLAT faz uma observações representativas ao contexto de trabalho em uma redação:

> "repórter é pago para investigar e obter respostas (...) Cabe ao repórter perseguir a verdade. Não existe verdade absoluta. Nem uma única verdade. Dois repórteres que testemunhem um mesmo fato poderão narrá-lo de forma diferente. Mas se forem bons repórteres e honestos, não divergirão do essencial.(...) o que fazer diante de contradições? Apurar, apurar, apurar. Até que todas ou quase todas tenham sido eliminadas. Até que nos reste apenas uma história na qual possamos acreditar (NOBLAT, 2002, 51-52)

A apuração, segundo ele, daria o estofo para o estabelecimento das notícias. E poderíamos tomar uma conclusão, a partir de nossa discussão metodológica: uma denúncia apenas seria um problema. O andamento da investigação pede pelo levantamento de hipóteses. Conforme dados são recolhidos e organizados (a apuração, na atividade jornalística), estas são testadas e validadas. Em certas coberturas, consegue-se "provar" algo. Em outras, o simples percurso da pesquisa esclarece, dialogando com os princípios do jornalismo frente a sociedade.

O que há de conhecimento ou aquilo que ainda será validado como tal, é questão a ser debatida em outros trabalhos. Estudo estimulante a pesquisadores do Jornalismo. Este artigo procurou tão-somente levantar uma discussão sobre a aplicação de hipóteses na atividade jornalística. Espera-se que dele surjam contribuições que venham a consolidar o conhecimento acerca dessa etapa investigativa. À medida que conhecermos mais do caráter investigativo do jornalismo e de suas ferramentas (como a hipótese), a tendência será a de termos maior clareza sobre o conhecimento produzido pela atividade jornalística.

05. Bibliografia

a) JORNALISMO

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na Comunicação.** 4. ed. São Paulo: Summus, 2003.

BETING, Joelmir. **Na prática a teoria é outra:** os fatos e as versões na economia. Impres: São Paulo, 1973.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade:** para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DANTAS, Audálio (org.). **Repórteres.** São Paulo: Editora Senac, 1997.

KOTSCHO, Ricardo. **Do golpe ao planalto:** uma vida de repórter. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo:** o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário.** São Paulo: Contexto, 2002.

MEDITSCH, Eduardo. **O Conhecimento do Jornalismo.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

_____. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Conferência feita nos Cursos da Arrábida – Universidade de Verão - Setembro de 1997. Vinculação acadêmica do pesquisador: Universidade Federal de Santa Catarina. 13 páginas. Artigo disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf . Acesso realizado em 20 de Outubro de 2007, às 20h30min.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos** : Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

SIQUEIRA, Neide de Vieira; SANTOS, Raimunda Maria Rodrigues. **Investigar faz parte do jornalismo** – Raimundo Pereira**.** In: LOPES, D. F; PROENÇA, J. L. (orgs.). Jornalismo Investigativo. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó, SC: Argos, 2002. 223 p.

PETERS, Hans Peter. **A interação entre jornalistas e peritos científicos:** cooperação e conflito entre duas culturas profissionais. Publicado na Revista *Media, Culture & Society,* vol. 17, 1995. Republicado com a autorização da revista em Revista Comunicação e Linguagem. Lisboa: Relógio Dágua Editora, 2000.

TAMBOSI, Orlando. **Elementos para uma epistemologia do jornalismo**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 26, n. 2, p 40-52, jul/dez 2003.

_____. **Informação e conhecimento no jornalismo**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol I. II – Nº 2 – Semestre de 2005. p. 31-38.

_____. **Jornalismo e teorias da verdade.** Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 30, n. 1, p 35-48, jan./jun 2007.

b) FILOSOFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUTRA, Luiz Henrique. **Verdade e Investigação:** o problema da verdade na teoria do conhecimento. São Paulo: EPU (Editora Pedagógica e Universitária Ltda.), 2001.

HAACK, Susan. **Filosofia de las logicas**. Fernández Ciudad, Madrid: Ediciones Cátedra, 1991. (1. ed. Cambridge University Press, 1978).

SEARLE, John R. **Mente, linguagem e sociedade**: filosofia no mundo real. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. (Orion Publishing Group, 1998)